



## O Martinismo Russo do Século XVIII até nossos dias<sup>1</sup>

Daniel Fontaine

### I - Introdução

Os Irmãos que praticam o Rito Escocês Retificado perguntam-se freqüentemente quais são as fontes de seu Rito e quais foram seus inspiradores. Jean-Baptiste Willermoz, homem de síntese das diferentes correntes iniciáticas que compõe nosso Rito, já nos é conhecido. Por outro lado, Martinez de Pasqually e Louis Claude de Saint-Martin, o são um pouco menos, e essa é a razão que motiva o presente trabalho.

Tive a sorte (a palavra Providência e o que ela expressa seria mais apropriada) de conhecer, no final de 1979, um irmão que dizia ser um dos últimos descendentes do Martinismo Russo. Nos encontramos em diversas ocasiões e travamos uma boa relação, suficiente para que me relatasse, primeiramente a história do movimento Martinista (conhecido como Rito de Novikoff) e, logo depois, me escrevesse uma curta nota sobre o que caracteriza a espiritualidade e a originalidade de sua Ordem. A proximidade de Saint-Martin e tudo o que ele representa para nosso Rito Retificado, fez com que me apaixonasse rapidamente pelas nossas conversas e que, finalmente, lhe pedisse autorização para publicar, se não a totalidade do tratado nelas, pelo menos um bom extrato das mesmas.

Mas, antes de tudo, falemos de filiação e, sobretudo, de transmissão:

I – Em primeiro lugar, o que é a transmissão e o que é que se transmite? Uma influência espiritual, sem dúvida, que deve permitir transformar, sempre e quando está não se encontra em estado de virtualidade, o Ser Interior, e essa transmissão obedece a leis bem determinadas.

II – Encontrando-se o homem num estado terrestre, a influência deverá utilizar meios dessa mesma ordem. Podemos encontrar esses meios desde as origens da humanidade e eles são os ritos e os sacramentos (a palavra rito vem do sânscrito *Rita* que significa Ordem).

III – A transmissão deve fazer-se por uma Ordem qualificada e acreditada, com sua certificação..

IV – Essa transmissão deve ser **ininterrupta**; na sua falta, assistiríamos a uma **paródia risível**, a uma espécie de simulacro ou representação.

V – A manipulação das influências espirituais deve ser **reservada** àqueles que estão qualificados para essa função, o contrário seria um desvio, um **desordenamento**, o que poderia produzir o efeito inverso ao esperado e, inclusive, entrar no quadro da contra-iniciação e do satanismo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Tradução e divulgação autorizadas pelo GEIMME - Grupo de Estudios e Investigaciones Martinistas y Martinezistas de España. Publicado no Boletín nº 2 del GEIMME, pág. 14, Enero de 2004.

<sup>2</sup> Ver a respeito as obras de René Guenon, de Jean Tourniac e do Abade Stéphane (especialmente seu esoterismo cristão, pág. 359).

Por todas essas razões, as Ordens iniciáticas não conferem o poder de iniciar a todos os seus membros, mas somente àqueles Seres qualificados para transmitir essa iniciação.

Todos nós conhecemos homens que, tendo encontrado um ritual sabe-se lá onde, põe-no em prática, auto intitulado-se grande mestre de qualquer coisa. É necessário denunciar essas práticas perigosas, que Saint-Martin denominava “a iniciação pelas formas, pelas cerimônias externas” que não procuram, em consequência, **nenhuma influência espiritual**. Mais adiante voltaremos a este assunto.

## A Filiação

Segundo Franz von Baader (em seus “Ensinamentos secretos de Martinez de Pasqually”), Saint-Martin jamais teve a intenção de criar uma Ordem Martinista. Pessoalmente, creio que isso é exato e, portanto, quando se lê seu relato com atenção, percebe-se o significado do que é dito na página 155: Louis Claude de Saint-Martin, depois da morte de Martinez de Pasqually viveu na casa de Willermoz em Lyon, e a deixou bruscamente já que estava em desacordo com a maçonaria e dizia:

“Necessitam fazer um montão de coisas simplesmente para crer em Deus!”.

Desde então, sua principal preocupação foi a de encontrar os místicos alemães e **russo**s. Nesse mesmo relato, F. von Baader acrescenta que, por essa mesma época, ele esteve visitando seus amigos para explicar-lhes o que era a Verdadeira Iniciação... e para transmiti-la a eles! Com efeito, para Saint-Martin, a Iniciação estava simbolizada pelo triângulo: Deus – o Iniciador – e o Iniciado, com um Ritual muito simples, de uma total nudez, diríamos agora central, singelo, tendo necessidade de um mínimo de formas.



Saint-Martin tinha obtido sua Iniciação de Martinez. Muitas coisas foram escritas sobre este último e boa parte dos historiadores continua entre perplexa e sarcástica com relação a ele.

Certamente, pode-se rir de seu sistema que não terminou nunca, mas sua vontade original não era a de abrigar uma iniciação, uma doutrina ou ritos sob a cobertura insignificante de um sistema páramaçônico, o dos Elus-Cohens do Universo. Entretanto, ainda que católico romano, tanto sua origem como a de sua família remontava, segundo certos historiadores, à Itália, ou a uma família espanhola de Santo Domingo, muito provavelmente a uma linha judia originária da Espanha da qual sua família guardava “alguma coisa” que era transmitida de pais a filhos. Será por acaso essa “coisa” o ele que quis transmitir-nos em sua Ordem?

Não percamos de vista o fato de que a corrente mística foi muito importante na Espanha ao ser crisol de três religiões monoteístas. Recordemos Abulafia de Girona, para a cabala e a mística judaicas; de São João Crisóstomo e de Santa Teresa de Ávila para os cristãos; e de Ibn Arabi, para os muçulmanos. Podemos rir de Martinez e, inclusive especular sobre se o que ele nos deixou parecem só vestígios, é incoerente, está pela metade, ou mal explicado, mas isto não impedirá que ele seja o herdeiro de uma fabulosa linha de Iniciados. Por outro lado, nem Willermoz nem Saint-Martin jamais riram dele. Ainda mais, o próprio Saint-Martin, primeiro tradutor para o francês de Jacob Böhme, afirmará (em sua carta a Kirchberger de 11 de julho de 1796): “*Nossa primeira*

escola tem coisas preciosas. Me atreveria inclusive a crer que M. Pasquallis (sic) de quem me fala e, posto que há que dizê-lo, era nosso Mestre, tinha a **chave ativa**<sup>3</sup> de tudo o que nosso querido Böheme expõe em suas teorias, mas não acreditou que estivéssemos no estado necessário para ter essas altas verdades. Sustentava também pontos que nosso amigo Böheme, ou **não conheceu**, ou não quis mostrar-nos, etc...”. O que fazia L.C. de Saint-Martin dizer que Martinez sabia infinitamente mais que Böheme? Não há, pois, que tomar superficialmente **o que Saint-Martin podia transmitir e ensinar**.

E, que transmissões possuía Saint-Martin? As da Maçonaria e as de Martinez; as mesmas que Willermoz. Mas, quais eram as transmissões de Martinez? A benção patriarcal? Uma doutrina que recordava a cabala prática, uma Teurgia vinda de um passado remoto através dos judeus da Espanha? Por que não? Talvez se possa dizer também que Martinez representava a última corrente da Cabala de Safed, pelas correntes Sabateístas dos Askenazi do leste da Europa?

Willermoz fez de tudo isso um sistema muito coerente, partindo do sistema Templário da Estrita Observância, desprovido de doutrina e talvez também de verdadeira transmissão iniciática<sup>4</sup> com uma iniciação artesanal e as premissas da doutrina Martinezista incluídas nos três primeiros graus – uma iniciação cavaleiresca e real com a Ordem interior dos C.B.C.S. e, finalmente, uma iniciação sacerdotal com os Professos e Grandes Professos<sup>5</sup>, graus criados por Willermoz certamente, mas com a doutrina e a transmissão de Martinez. Quanto a Saint-Martin, seguia uma via mais direta, e a Iniciação que conferia em um só grau (e em 7 graus nos Martinistas Russos) era, **quando menos**, equivalente à dos Grandes Professos. Mas, em contrapartida, não se podia ascender a ela senão após uma longa formação e Saint-Martin, no final de sua vida, terminou por aproximar-se da Maçonaria e a considerá-la como “um bom caminho” para chegar a esse termo<sup>6</sup>. Poucos homens são, com efeito, capazes, imersos como estão no mundo profano, de receber uma tal iniciação sem a preparação requerida, daí que o caminho maçônico, ou as escolas, como a do próprio Saint-Martin (ver sua correspondência com o Barão de Liebestorff, citada por Van Rijnberk na qual se faz menção, em diversas ocasiões, à escola do “Filósofo Desconhecido”) que lhe permitia ensinar sua doutrina e, sobretudo, ver se os postulantes eram verdadeiros “homens de desejo”.

Parece, pois, ser admitido atualmente que Saint-Martin procedeu a iniciações individuais e que fundou essa escola na qual, entre outros, o conde de Gleichen<sup>7</sup> sendo já Elu-Cohen, tornou-se seu discípulo. Um artigo de Varnhagen Von Ense, menciona ainda essa escola, composta de poucos membros cujo objetivo era a pura espiritualidade. Em Estrasburgo, Paris e Lyon sabemos, por notas

<sup>3</sup> Essa chave ativa, tinha o poder de pôr em movimento certas energias espirituais que permitiam ao novo iniciado melhor compreender as coisas do alto e progredir na Via. Se não, para que serviriam os rituais, as liturgias, etc?

<sup>4</sup> Ver *Cahier Vert* nº 5, o artigo de Jean Granger: “Identidade e riqueza do Rito Escocês Retificado”.

<sup>5</sup> Há uma diferença fundamental entre os Rosa+Cruzes (grau que Willermoz nunca recebeu completamente), pertencentes à Ordem dos Elus-Cohens do Universo de Martinez de Pasqually, que recebiam uma Iniciação sacerdotal a qual culminava em uma teurgia, e os Grandes Professos que recebiam igualmente uma iniciação sacerdotal, seguida da explicação da Doutrina contida no Tratado da reintegração de Martinez, mas que não dispunha de nenhum meio teúrgico. Poderíamos dizer que os Martinistas Russos se situam entre estas duas concepções. (Ver a correspondência de Willermoz com o Príncipe de Hesse e particularmente sua carta de 8 de julho de 1781, mencionada por E. Van Rijnberk).

<sup>6</sup> Há, talvez, uma armadilha do Maligno na qual Saint-Martin teria caído: quando um homem alcançou uma espiritualidade muito elevada, já não tem necessidade de “formas” e há uma tendência natural a dizer que elas são inúteis. Grave erro, já que os jovens Irmãos que vêm à Maçonaria pedir-nos a Luz, têm necessidade dessas formas e dessas estruturas em sua integridade. Saint-Martin conferia uma iniciação num só grau, certamente a homens preparados em sua escola, mas terminou por voltar de novo à Maçonaria por essas mesmas razões. Isso nos faz pensar naqueles Irmãos trabalhando em nossos diferentes ritos, que suprimem certos símbolos ou detalhes de indumentária, como restos sobreviventes de um passado distante e caduco. Temos visto, assim, a supressão do chapéu, da obrigação de carregar a espada, etc. para, paralelamente, esquecer também o simbolismo que esses objetos comportam e, finalmente, esquecer-se de ensinar seu significado. Há uma multidão de exemplos fastidiosos desse mesmo gênero. Por quê não suprimir os aventais? Não são por acaso uma lembrança muito mais antiga? Esse gênero de relaxamento leva, cedo ou tarde, a uma situação como a do Grande Oriente da França que suprimiu tudo, incluindo o Grande Arquiteto do Universo.

<sup>7</sup> “*Souvenirs*”, Paris, 1868, pág. 155.

dirigidas ao professor de teologia Koster de Göthingue (20 – XII – 1795), que amigos de Saint-Martin formaram grupos muito restritos, mas unidos entre si pela Iniciação.

Definitivamente, quando relemos a correspondência dos místicos da época, percebemos rapidamente que Saint-Martin formava seus adeptos para logo iniciá-los e transmitir-lhes esse depósito sagrado.

Mas, o que acontecia na França depois do século XVIII? A extinção quase completa da Iniciação Martinista e completa do Rito Escocês Retificado até que, num passado relativamente recente, voltamos a encontrar Papus, renovador “de uma ordem Martinista” e da qual falaremos mais adiante. De outro lado, temos igualmente uma segunda transmissão, russa nesse caso, apoiando-se sobre os séculos de trabalho ininterrupto e com princípios bem estabelecidos: escola, ensino, doutrina, rito, ascese, etc.



Mas, voltemos ao assunto e, em primeiro, lugar à parte histórica, tomada ao Filósofo Desconhecido<sup>8</sup>, que nos autoriza a publicar o que segue:

## II - Alguns Traços de História

Examinando os arquivos desse Filósofo Desconhecido, não pude evitar de pensar que o Martinismo e o espírito de Louis-Claude de Saint-Martin estavam muito próximos da alma russa, inclinada à contemplação, à vida espiritual e religiosa. Da segunda metade do século XVIII até a revolução de 1917, o Martinismo constituiu um dos ramos favoritos do movimento iniciático russo, composto por membros da família real, da aristocracia, de sábios, de escritores, de intelectuais e de membros do alto clero tais como o metropolitano Platão<sup>9</sup>, o Filaleta, que até metade do século XIX, se congratulavam de pertencer a ele.

Em suas origens, os Martinistas tentaram, para pôr em prática suas idéias, educar as massas, aliviar a miséria e suavizar os costumes. Falaremos, em seguida, do grupo de Nicolas Novikoff<sup>10</sup>, escritor muito conhecido, considerado um “iluminado” e homem de ação ao mesmo tempo, que viveu sob o reinado de Catarina II. Os membros mais conhecidos de seu grupo foram: Lopoukhine, o Príncipe Nicolas Troubetzkoi, o conde Pedro Tatistchef, Ivan Tourgueniev, o professor Schwartz, Gamalei, o poeta Kherastow, etc.

A ação de todos esses homens no plano profano foi muito importante, já que tentaram formar as massas, propagar a verdade e, se tiveram tanta audiência, parece ser porque, enquanto Iniciados, mostraram o caminho a seus adeptos, tanto com o exemplo como por sua experiência espiritual.

---

<sup>8</sup> No Martinismo Russo, o Filósofo Desconhecido é aquele que recebe o “poder” de iniciar. Converte-se no responsável de um capítulo e prepara principalmente os futuros “associados” em reuniões livres.

<sup>9</sup> Nos “Ensinamentos secretos de Martinez de Pasqually” de Franz von Baader, este último conta que a imperatriz Catarina II um dia perguntou ao Filaleta Platão o que ele pensava dos Martinistas e se deveria desconfiar deles. Platão tranquilizou a imperatriz, afirmando que eles não eram perigosos e que se ocupavam das coisas do espírito. É curioso saber hoje, que Platão pertencia a esse grupo Martinista, o que Von Baader ignorava e que explica perfeitamente a resposta.

<sup>10</sup> Pode-se encontrar um bom retrato de Nicolas Novikoff num salão da Grande Loja Nacional Francesa.

Novikoff se relaciona por filiação direta, com o príncipe Kourakine, diplomata russo que, devido à sua estadia na França, tinha conhecido pessoalmente Saint-Martin estabelecendo relações de amizade e sendo iniciado por ele, recebendo a missão de implantar o Martinismo, ou melhor ainda, sua Iniciação na Rússia (outros russos estiveram em relação direta com Saint-Martin, como o príncipe Golitzine, o príncipe Simeón Worontzor, embaixador russo em Londres; os condes Morkow e Zinoniev que freqüentaram Saint-Martin em Lyon, pelos anos de 1783 - 1784).

Até 1780, o grupo Novikoff desenvolveu uma grande atividade nos meios intelectuais russos. Mesclados com o movimento maçônico, muito em voga naqueles tempos, os Martinistas propagavam o esoterismo, as idéias de Saint-Martin, de Böehme, de Swedenborg, de Kunrath, de Paracelso, de Cornélio Agrippa, etc...

A seção de manuscritos dos séculos XVIII e XIX do antigo museu Alexandre III de Moscou, compreendia duas salas inteiramente reservadas para as relíquias do “Martinismo de Moscou”. Manuscritos, quadros e desenhos místicos, medalhas, obras publicadas pelas edições de Novikoff, selos, cordões e insígnias.

Depois da Revolução, essa seção foi completada por um abundante acréscimo proveniente de arquivos e bibliotecas privadas oferecidas pelos seus proprietários, descendentes de Martinistas, ou coletados nas propriedades ou imóveis particulares pelos membros das comissões encarregadas de preservar os monumentos antigos.

Novikoff publicou uma revista espiritualista e abriu, em Moscou, uma editora e livrarias. A editora se encarregou de traduzir para o russo e publicar as obras mais significativas do esoterismo.

Os martinistas de Novikoff não se limitaram ao lado puramente místico do ensino esotérico. Fiéis aos princípios cristãos, se dedicavam à caridade e, como nossos Irmãos franceses do Rito Escocês Retificado do século XVIII, colocavam em prática a beneficência. Logo tomaram a frente do movimento liberal que reclamava reformas, especialmente a extensão do ensino a toda a massa do povo, buscando, em geral, suavizar os costumes.

A própria Catarina II conhecia pessoalmente Novikoff que, em sua juventude, tinha servido na guarda imperial, e participado do golpe de Estado pelo qual ela tinha chegado ao poder. Via sua atividade de maneira benevolente, polemizando com ele nos jornais e parecia favorecer o Martinismo. Seu renome se estendeu por toda Rússia e não deixou de crescer até a Revolução.

Logo veio a revolução francesa de 1789 e, nas cortes de todos os reinos da Europa, as forças reacionárias acusaram as sociedades secretas de fomentar a tormenta revolucionária e propagar idéias subversivas. Instigada por seus conselheiros, Catarina II mudou sua atitude benevolente. Chegou a suspeitar, inclusive, que o grupo de Novikoff tinha, no estrangeiro, contatos com sociedades secretas de tendência revolucionária e acusou os Martinistas de fazer propaganda e levar a cabo um trabalho de destruição das bases do poder imperial.

Os Martinistas caíram em desgraça; seu declínio começou em 1791. Em abril de 1792, em Moscou, a revista e as livrarias foram fechadas, e os livros encontrados em lojas foram confiscados. O próprio Novikoff foi preso na fortaleza de Schlisselburgh. Outros membros eminentes do grupo como Lopoukhine foram confinados em suas terras, e inclusive alguns foram deportados.

Depois de sua ascensão ao trono, o Imperador Paulo I, sucessor de Catarina II anistiu, mediante decreto de 5 de dezembro de 1796, a todos aqueles que haviam sido condenados quando do processo de Novikoff, incluindo o próprio Novikoff.

No princípio do reinado de Alexandre I, ou seja, na sua fase liberal, as sociedades secretas foram novamente autorizadas. Entretanto, os Martinistas não tinham esquecido o “caso Novikoff”. Em 1803, por ocasião de um congresso de dirigentes da Franco-Maçonaria, F. Labzine, Martinista e franco-maçom, propôs o seguinte programa:

“Enquanto a atmosfera da Rússia não for purificada do absolutismo, as sociedades secretas esotéricas não deverão manifestar-se à plena luz, mas deverão continuar trabalhando sob o véu do segredo, a fim de que os irmãos não tenham que temer diante da possibilidade de novas perseguições”.

Fiel ao programa de F. Labzine, o grupo Martinista denominado “Tradição de Novikoff” não entrou em relação com a confederação oficial dos Franco-Maçons russos. Os Irmãos continuaram reunindo-se secretamente, em pequenos grupos, nos castelos em zonas rurais e em apartamentos particulares. Quando, no fim do reinado de Alexandre I, as sociedades secretas foram de novo perseguidas, os Martinistas não foram afetados. Daí até a revolução de 1917, as relações entre as autoridades e os Martinistas foram as seguintes: ignorando a existência dos Capítulos, as autoridades oficialmente se faziam de desentendidas e não faziam nada para impedir seus trabalhos. Os Martinistas, por seu lado, se dedicavam à ciência esotérica e não se imiscuíam em absoluto no mundo da política.

No início da segunda metade do século XIX, os Martinistas mais notórios foram: F. Labzine (que tinha traduzido para o russo a obra de Saint-Martin), F. Posdeev, Speransky, ministro e autor do “código das leis do império russo”, os pintores Brulof e Ivanof, os poetas Joukovsky e Boratynsky, o conde Alexis Tolstoi, e finalmente, o célebre eslavófilo (partidário da propagação da cultura ou tradições eslavas) Arsenief.

Moscú foi, no século XIX e a princípios do século XX, o centro da Iniciação Martinista de filiação Novikoff. A Loja São João Apóstolo de Moscú tinha transmitido a espada ritual de Novikoff a Gamalei, de Gamalei a Posdeev, deste a Arsenief que, por sua vez, a transmitiu a Pedro Kasnatcheef que se tornou, até 1911, delegado geral para a Rússia do Supremo Conselho da Ordem Martinista de Paris. (Devo assinalar que o Martinismo Russo se manteve sempre à distância do Martinismo Francês, do qual alguns de seus chefes, entre 1917 e 1939, se encontravam mais próximos do ocultismo que do mais puro espírito místico e esotérico desses grupos).

Antes da revolução de 1917, existiam na Rússia três principais centros Martinistas.

1 – O Soberano Capítulo de São João o Apóstolo de Moscú, com o Filósofo Desconhecido Pedro Kasnatcheef. Este último era um importante representante da antiga tradição esotérica russa e além de seus conhecimentos esotéricos, alquímicos e herméticos, fazia de sua vida um exemplo. Tinha herdado de seu Iniciador Arsenief, toda a Tradição de Novikoff, quer dizer, o ensino do Martinismo assim como o grau de Teórico dos Rosacruz de ouro do século XVIII. Entre os Martinistas de Moscú, constavam os poetas Andrey Bely (logo convertido num entusiasmado antropósofo e amigo do Doutor Steiner), Maximilien Voloschine, Valèrie Brioussov, o crítico Serge Kretchetov e sua mulher, Lydia Ryndina, uma atriz muito conhecida em seu tempo. Ouspensky (autor de diferentes obras sobre esoterismo) e Dimitri, o filho de Pierre Kasnatcheef que herdaria de seu pai a espada de Novikoff e Arsenief.

2 – O Soberano Capítulo Appolonius de São Petersburgo, com o Filósofo Desconhecido G. O. Von Mebes. Grigory Ottonovich Von Mebes era professor de matemática e um sábio erudito apaixonado pelo esoterismo. Tinha publicado, desde 1911, diferentes obras sobre esoterismo, cabala e arcanologia (numerologia). Em sua qualidade de grau soberano, que também ostentava no Capítulo de Moscú, tinha um grau superior que lhe permitia estudar mais a fundo a Cabala e a numerologia, sob o nome de “*Emesch pentagrammaton*”. Os Irmãos e Irmãs mais avançados tinham acesso a esse

tipo de estudos. Von Mebes tinha escrito para esse grau, duas obras: o “Curso Cabalístico” (explicação dos dez primeiros capítulos do Gênesis) e uma tradução do Cânticos dos Cânticos. Os Irmãos e Irmãs mais avançados de seu Capítulo eram: os professores da Universidade de São Petersburgo Boris Touraef, eminente egiptólogo, autor do livro “o Deus Tot” (Deus Iniciador), e Zelinsky, que publicou uma série de obras e artigos sobre a Iniciação da Grécia antiga; Etimov, lingüista e brilhante conhecedor das Tradições esotéricas do Oriente e Ocidente; o poeta e historiador Viatcheslav Ivanov; o senador Zakharov que foi, durante um certo tempo, representante do czar Nicolau II junto ao Dalai Lama em Lhasa; Leon Von Goer e Madame Voiekov (que publicou diferentes obras sob o pseudônimo de “Perséfone”). Depois da revolução, o grupo Von Mebes continuou seu trabalho, desafiando as circunstâncias até que, em 1927 ou 1928, Von Mebes foi preso e mais tarde deportado a Solovskiy, no extremo norte, depois do que seu grupo foi disperso.

3 – O Soberano Capítulo de Santo André, Apóstolo n° 1, do qual o Filósofo Desconhecido era Serge Marcotoune, egiptólogo e advogado internacional. Recebeu o grau de associado na Rússia e o de Iniciado na Itália, em 3 e novembro de 1912 e o grau de S.:I.: em sua volta à Rússia. Jean Bricaud lhe dirigiu uma Carta nomeando-o delegado do Supremo Conselho para a Ucrânia. Carta assinada por Bricaud, Magnet, Victor Blanchard e Teder. Em 25 de dezembro de 1912, recebeu do Capítulo São João Apóstolo de Moscou, uma carta autorizando-o a fundar o Capítulo Santo André n° 1 e uma carta do Supremo Conselho Russo, nomeando-o delegado especial perante os governos de Kiev – Tchernigov – Poltava. Em 5 de janeiro de 1915, é feito membro de honra de São João Apóstolo de Moscou. Membro do governo Ucrâniano em 1917, tentou por todos os meios manter a Ucrânia fora da revolução e continuou fazendo trabalhar seu grupo até 1920.

Depois da sua chegada à França, reagrupou Ucrânianos e Russos para fundar um novo Capítulo, primeiramente sob o nome de Renascimento e, com autorização do Grande Mestre francês, Jean Bricaud (carta patente de 22 de dezembro de 1920), mais tarde sob o nome de Santo André Apóstolo n° 2. Pudemos encontrar em seus arquivos os seguintes nomes: o príncipe Repline, o Doutor Camille Savoie, Keranz, Artemio Galip, Golenitchek Koutouzov (feito mais adiante oficial geral da União Soviética), Kadin, Romachkof, o Grande Comendador do Supremo Conselho da França Raymond, Djemil Martin, Ivanof Dorojnisky, Ivraemof, Desquier, Malkowski, Toussaint (Filósofo Desconhecido de Bruxelas), o conde Cheremeteff, de Tombay, Pierre de Ribaucourt, Charles Riandey, Grande Comendador do Supremo Conselho da França, etc.<sup>11</sup>

Serge Marcotoune chegou a publicar na França um resumo surpreendente da doutrina Martinista ensinada na Rússia, sob os títulos: “A Ciência Secreta dos Iniciados” (Paris, 1928) e “A Via Iniciática” (Paris, 1956).

Durante toda a ocupação alemã, de 1939 a 1944, o Capítulo de Santo André Apóstolo n° 2 reuniu-se regularmente, rogando incansavelmente por todos os Irmãos e todos homens no infortúnio.

De 1945 a 1953, o Capítulo funcionou normalmente, mas nessa época, o Filósofo Desconhecido retirou-se para a Espanha sem deixar sucessor. Só alguns anos depois, em 1969, autorizou um Irmão do Capítulo a constituir um novo grupo Martinista em Paris, herdeiro em linha direta, de Santo André Apóstolo n° 2 e de São João Apóstolo de Moscou (carta patente de julho de 1969).<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Surpreendeu-nos muito encontrar os nomes dos Irmãos Savoie e Ribaucourt, muito conhecidos pelos Irmãos do Grande Priorato das Gálias. Uma vez informados, parece que ambos foram iniciados no final de suas vidas (aconteceu o mesmo com o Grande Comendador Charles Riandey) e que quiseram, de alguma maneira, voltar às origens, encontrar os fundamentos, inclusive a doutrina do Regime Escocês Retificado, nesse capítulo Martinista.

<sup>12</sup> Devo esclarecer a nossos leitores que tivemos acesso aos arquivos desse grupo, arquivos forçosamente reduzidos por causa da tormenta revolucionária que transtornou a Rússia em 1917. Não obstante, pudemos ver os diplomas e patentes do Filósofo Desconhecido Serge Marcotoune, datados do início do século e provenientes de Moscou – São Petersburgo – Kiev; também pudemos ver e verificar muitas outras coisas, pois se encontra ali também, tudo o que

**Nota Adicional:** O Doutor Philippe Encause, filho do Doutor Papus, em seu livro “O Mestre Philippe de Lyon” conta a história das relações entre os Martinistas Franceses, particularmente as do Doutor Papus e as do Mestre Philippe com a Família Imperial Russa. Cita uma enormidade de documentos e testemunhos de diversas pessoas. Pelo que pudemos saber, através de nossos Irmãos que estiveram em contato com o círculo de Kiev e Moscou, o relato do Doutor Encause corresponde à verdade. Uma Loja especial foi fundada na corte, “A Cruz e a Estrela”, da qual tomava parte Saint Vladimir, e da qual o Filósofo Desconhecido tinha sido o Grão Duque Nicolas Nicolaevitch. Conta-se, nos meios Martinistas Russos, que um dia o Filósofo Desconhecido anunciou à assembléia que “a partir daquele momento, a Irmã e o Irmão Romanoff não assistiriam mais às reuniões”. Todo mundo soube que isso era devido à exigência de Gregory Rasputin.

Nunca pudemos saber se essa Loja continuou com seus trabalhos depois da saída dos Romanoff, já que ela não era considerada pelos Martinistas Russos como “regular”.

### III - O Espírito e a Doutrina

Se era grande meu interesse em conhecer o aspecto histórico e a filiação direta desse grupo com L.C. de Saint-Martin, não era menor por conhecer sua maneira de trabalhar. Devem ser destacadas, em primeiro lugar, suas duas filiações: de um lado a de Saint-Martin, e de outro, a da Rosacruz de ouro alemã, fundada em 1777.

Situam-se, de início, numa tradição mística e têm rejeitado sempre o aspecto “ocultista” que encontraremos, ao contrário, nos grupos franceses. Parece que teria havido uma transmissão de Saint-Martin a Papus (ver “Um Taumaturgo no século XVIII”, tomo II, págs. 30-31, onde Van Rijnberk exhibe toda a filiação). Em contrapartida, no que concerne à doutrina, o próprio Papus escreve (Martinezismo, Willermozismo, Martinismo e Franco-Maçonaria, 1899, págs. 44-45): “Só recebi de Delaage um pobre depósito constituído por duas letras e alguns pontos” e acrescenta: “as primeiras iniciações pessoais, sem outro ritual além dessa transmissão oral das duas letras e os pontos, tiveram lugar de 1884 a 1885”. Podemos, pois, perguntar-nos com razão, juntamente como Van Rijnberk: “Se Papus não recebeu mais que as duas letras e os dois grupos de 6 pontos... de onde saíram os cadernos de Iniciação da Ordem Martinista Francesa?” Paul Vuillaud, por seu lado, nega inclusive, toda transmissão direta em sua obra “Os Rosacruzes Lioneses do século XVIII”. Em contraposição, esse grupo Russo possui toda uma doutrina, explicada por uma antiga tradição oral de mais de dois séculos.

O que caracteriza essa Ordem? Em primeiro lugar é composta por homens de Desejo. Assim como Martinez de Pasqually, eles têm a sabedoria de rejeitar a Iniciação daqueles que julgam “não iniciáveis”. Têm, pois, uma ardente fé na realidade da via iniciática cristã.

É o que eles chamam seu ponto de amarra, isto é, seu ponto de união com o plano espiritual. Tentam manter os membros de seu grupo em estado de contínua vigília, procurando sem cessar alcançar sempre planos mais elevados. Entre eles, não há ocultistas, mas homens em busca do **VERDADEIRO**, que desconfiam da falsificação interessada e procuram ser autênticos.

---

pertence à “história sutil” e, para parafrasear nosso Mui Rev. Cavaleiro Henry Corbin, não esqueçamos nunca que a ausência de documentos só prova... a ausência de documentos! Uma última observação: os historiadores atuais têm a tendência de pretender que os Martinistas russos não eram mais do que simples franco-maçons (gostaríamos de saber em quais documentos se sustentam para isso). De resto, os Martinistas russos tiveram sempre um papel de educadores sobre a Maçonaria, eles foram seus inspiradores espirituais, daí essa denominação espalhada por toda a Rússia. Em qualquer caso, o que é certo é que por sua condição de discípulos de Saint-Martin, viveram rodeados de respeito, tanto por sua conduta na vida profana como por sua alta espiritualidade.

Tudo o que aprendem quanto às leis essenciais da Tradição, leis dos números, simbolismo, etc, deve repercutir em sua conduta e esforços cotidianos (“*por suas obras os reconheceréis*”, “*que ninguém pretenda ser discípulo do Cristo se não tiver o modo de viver do Senhor*”). Com efeito, além dos ensinamentos abstratos e metafísicos, há considerações práticas e uma linha de conduta a seguir. É indispensável que a personalidade profana ceda o passo ao Ser interior, que é o único que guarda a marca da mônada divina. O verdadeiro Iniciado não age por sua própria vontade, mas se submete à vontade divina, para participar da Grande Obra Universal. Acaso não é esse o sentido do sacrifício do Filho do Homem e do Messianismo?

Vejamos o que fazem em seu grupo para avançar em direção à Luz.

Primeiramente, cada aspirante deve consagrar todos os dias um certo tempo à oração e a duas formas de meditação: a concentração passiva que leva a um estado contemplativo e um abandono de todo seu ser às vibrações espirituais e a concentração ativa, com um programa sobre as idéias e símbolos dados pelo Mestre, em função do estado de realização de cada discípulo. Agreguemos a isso uma certa técnica para conseguir o controle da respiração e uma oração interior para terminar. Muitos maçons ou profanos se afastam do cristianismo em busca de uma via de realização de características similares às descritas, em outras tradições. Isso acontece continuamente, podemos ver a cada dia, mas deveria ser extremamente raro, excepcional. Se nascemos numa Tradição, o lógico é permanecer nela e vivê-la plenamente... é então que encontraremos Ordens para acolher-nos e técnicas de realização espiritual equivalentes às de outras Tradições, porém mais adaptadas ao nosso temperamento ocidental.

Finalmente, a base de dita Ordem é a de transmitir um ensinamento equilibrado em função do avanço espiritual dos Irmãos, a fim de propiciar a destruição das más estruturas e sua posterior reconstrução até adquirir a bela forma que lhes permita tornarem-se colunas no Templo de Deus. Demolição – Reconstrução - Solve – Coagula, logo, técnicas de meditação ativa e passiva – ascese, domínio da respiração e oração interior. Isso é o que pode oferecer a Ordem Martinista Russa, Rito de Novikoff de nossos dias: talvez uma esperança para aqueles que buscam fora o que têm em sua própria Tradição. Digamos também que essa Ordem tenta fazer descer sobre eles um influxo espiritual que os faça livres em relação ao mundo e os impulse e ancore no Mundo Espiritual. Para parafrasear Nietzsche – me dizia meu interlocutor – não queremos fazer “bibliotecários míopes que não saibam fazer outra coisa além de comentar as ações daqueles que são livres e inspirados”.

Depois, o Filósofo Desconhecido pôs fim a esta entrevista, com o conselho de Saint-Martin: “Roguem, adoremos, mostremos com o exemplo e calemo-nos”.

#### **IV - Conclusões**

Não nos confundamos, pois Pasqually, Willermoz e Saint-Martin estavam estreitamente ligados. Na Ordem dos Elus-Cohens, primeiramente.

O que eles nos transmitiram, através do Rito Escocês Retificado e o Martinismo, é a alta iniciação da qual Pasqually foi depositário. E, com toda segurança, essa transmissão teve graus diferentes.

Ainda que o Rito Escocês Retificado pareça não possuir uma verdadeira Teurgia, nem técnica espiritual precisa (ainda que tudo esteja indicado para aquele que realmente sabe ver e entender), compreende, sem dúvida, todas as premissas da Doutrina, infelizmente por vezes demais esquecida por nossos contemporâneos, que somente enxergam na prática maçônica uma reunião fraternal e

não buscam compreender o mínimo do esoterismo judaico-cristão, rebuscando inclusive em outras Tradições, à margem daquela que por natureza é a sua, e que eles têm ao alcance do Espírito <sup>13</sup>.

A riqueza do verdadeiro Martinismo como a da nossa Maçonaria Retificada é imensa, mas é preciso abrir-se ao Espírito, já que, da mesma maneira que conhecer a fundo a história da Igreja e a liturgia de São Pio V não é suficiente para fazer-se cristão, igualmente conhecer a fundo a história da maçonaria, contentando-se em fazer uma ritualística gestual precisa sobre o tapete, não basta para fazer um bom maçom nem para fazer fluir essas influências espirituais que viemos buscar no dia que batemos à porta de nossas Lojas.

Terminarei com esta citação de Franz Von Baader, pág. 16: “O desprezo grosseiro e revolucionário que um povo ou um homem experimenta sobre uma instituição política qualquer que já não entende (com mais razão quando se trate de uma instituição iniciática), é algo muito fácil, já que toma forças de sua vacuidade interna de idéias e dessa absoluta impotência por elevar-se de novo até ela (*vivacidade da queda* – Falstaff) para a libertação que o elevaria mais além dela”.

Que aqueles que negam toda espiritualidade e todo esoterismo à Maçonaria, meditem estas palavras:

**Eques ab Orientis Luce**

**FIM**

---

<sup>13</sup> A Unidade, apenas pode encontrar-se nas associações; ela se encontra em nossa junção individual com Deus (L.C.de Saint-Martin).